

## Article Identification

---

**Publication:** Vida Económica Online

**Title:** Hartwig Tauber, Director General of the FTTH Council Europe: Adoption of fiber optics provides an opportunity to create new services in the "e-health"

**Date:** 14<sup>th</sup> September 2012

**Url:** <http://www.vidaeconomica.pt/gen.pl?p=stories&op=view&fokey=ve.stories/84687&sid=ve.sections/171>

---



14-09-2012

**Hartwig Tauber, diretor-geral da FTTH Council Europe**

### **Adoção de fibra ótica dá oportunidade à criação de novos serviços no "e-health"**

Chama-se FTTH [Fiber-to-the-home] e define-se como a utilização de fibra ótica para transporte de telecomunicações desde o operador até à casa do cliente final. Em entrevista à "Vida Económica", Hartwig Tauber, diretor-geral da FTTH Council Europe, explicou o impacto que a adoção deste sistema pode ter nos serviços de saúde, denominados "e-health". Por exemplo uma consulta por Skype, em alta definição, com o nosso médico. Ou uma enfermeira que, por videoconferência, ajuda um idoso a medir corretamente a sua tensão arterial. "Hoje não há limite nas redes de fibra, basta ter criatividade para encontrar novos serviços."

#### **Vida Económica (VE) - Como classifica Portugal relativamente ao "e-health"?**

**Hartwig Tauber (HT)** - Portugal tem uma enorme vantagem por pertencer aos países europeus de topo no que diz respeito à adoção de fibra ótica. Inclusivamente, está um passo à frente de países como a Alemanha e a Grã-Bretanha. Este facto vai permitir ao país ter mais e melhores serviços em muitas áreas. Uma delas é claramente a do "e-health". Aliás, penso ser importante, em primeiro lugar, olhar para o "e-health" não só em termos de aplicações que comunicam entre médicos ou hospitais mas também contemplar o denominado "e-care". Se olharmos para os vários estudos europeus, vemos que um dos maiores desafios da próxima década é precisamente lidar com uma população envelhecida, o que torna os sistemas de saúde europeus muito dispendiosos. Há que encontrar novas formas de ajudar estas pessoas.

#### **VE - Como por exemplo?**

**HT** - Como por exemplo o uso de um robô por controlo remoto para acompanhar os idosos nas suas tarefas diárias. Que através de vídeo nos consiga fazer perceber que a máquina do café ficou ligada ou que os medicamentos não foram tomados. Isto poderia fazer com que os idosos se sentissem mais confortáveis, para além de lhes dar a oportunidade de, na velhice, ficarem em suas casas. E está mais do que provado que as pessoas mais velhas ficam mais satisfeitas quando permanecem no seu ambiente. Depois, para o próprio sistema de saúde, ficaria mais barato. Muitas vezes dão o argumento que, com estes robôs, os idosos poderiam ficar um pouco mais isolados. Mas em países onde estes equipamentos já estão a ser usados isto não se verifica.

#### **VE - E que outros exemplos poderíamos ter?**

**HT** - Olhe, por exemplo o uso das Smart TV. Quando ligadas à internet com suficiente largura de banda têm aplicações de videoconferência que podem ser muito úteis. Como o Skype de alta definição que pode ter imensos fins ligados à saúde. Ou por exemplo aplicações que permitem fazer uma "gestão" da saúde do utilizador. Um equipamento específico que permite que as pessoas possam medir o seu peso, controlar as diabetes... Além de que através da Smart TV podem ligar por videoconferência aos serviços de saúde para serem ajudados em casa, medir a pressão arterial de forma correta... Para muitas coisas não seria preciso ir ao médico. Mas repare: para que tudo isto funcione a largura de banda tem de ser excelente. Os idosos teriam de ver o médico por videoconferência com qualidade. Teriam de ficar satisfeitos.

#### **VE - Pensa que esta questão da largura de banda vem hoje tornar viáveis coisas que antes eram consideradas quase impossíveis?**

**HT** - Sim. E não precisamos olhar apenas para a questão do "e-health". O teletrabalho, por exemplo, também é outra área muito interessante. Creio que a primeira vez que ouvi essa palavra foi nos anos 80. E "e-health" provavelmente nos anos 90. Mas antes não havia condições para estes conceitos funcionarem. Durante muito tempo porque não havia poder de computação dos equipamentos. Depois, porque as redes de telecomunicações eram fracas. Hoje, em termos de computação, pode-se fazer praticamente tudo. O factor limitativo agora é que a largura de banda muitas vezes não está disponível para utilizar estas aplicações. Até porque não estamos apenas

a falar de "downloads" mas também de "uploads". Uma coisa é o email chegar um minuto mais tarde porque a largura de banda falhou. Outra coisa é estar numa videoconferência e a comunicação falhar. Acreditamos que um dos grandes entraves a estes serviços foi, e continua a ser, a banda larga das telecomunicações. Algo que com a fibra ótica pode ser resolvido.

**VE - Para além da melhoria dos serviços e eficiência, podemos falar em redução de custos?**

**HT** - Sim, é o que realmente acreditamos que vai acontecer nos próximos anos. Mas tenho de ser sincero e dizer que há um segundo desafio a combater para além da largura de banda. Falo das questões legais e da regulamentação que viabilize estes serviços remotos por forma a serem permitidos. Para além de que, em muitos países, venham a ser subsidiados pelos sistemas de Segurança Social. Mas isso já são decisões políticas. Os políticos têm de entender que estes sistemas podem vir a poupar muito dinheiro ao Estado.

**VE - Este conceito de "e-health" vem de alguma forma esbater a fronteira entre o setor privado e o serviço público?**

**HT** - Sim. Aliás, penso que isso já acontece. Neste sentido, o setor privado já se movimenta muito dentro da esfera da saúde e já apresenta muitos serviços. Estes serviços podem vir a trazer grandes benefícios para a economia.

**VE - Estamos a falar em menos custos para o Estado e mais oportunidades para os privados, fornecendo novos serviços e tecnologias?**

**HT** - Claramente. E, aqui, os operadores de comunicações podem criar realmente muitas oportunidades ao garantirem parâmetros específicos para o "e-health". Cobrando um serviço ao cliente podem garantir a qualidade do serviço por exemplo da videoconferência. E não só garantindo a qualidade de comunicação entre o médico ou a enfermeira e o idoso, mas eles próprios fornecerem alguns serviços. É uma nova forma de criar um portfólio. Na verdade, não me parece que seja realmente nada de muito extraordinário para um operador. Há 15 anos, se disséssemos a um operador que ia ter um serviço de vídeo "on-demand", talvez fosse revolucionário. Hoje, quase todos os operadores fornecem serviços de vídeo. Vai ser uma transição natural. Hoje não há limite nas redes de fibra, basta ter criatividade para encontrar novos serviços.